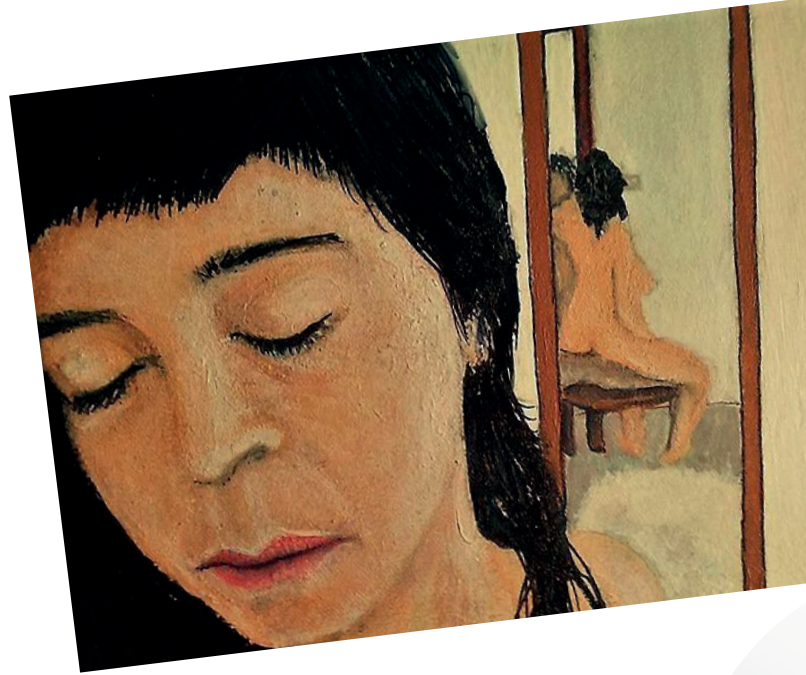


MAIS UMA MORTE

por Renato Santiago

Sucumbi mais uma vez. Meu corpo já não aguenta, minha mente sofre com tudo aquilo que não me ensinaram. Uma dor que estremece cada nervo de um corpo mais velho que minha própria idade. Morri mais uma vez aquele dia. Sugaram minha última gota, o restinho de vida que não me pertence, talvez nunca tivesse me pertencido. Espere. Sou meu. Nasci meu, nasci livre, nasci cru, nasci sem pressa e sem essência, essas merdas não existem. Fui criado aqui, ou poderia ser em qualquer outro lugar, minha história é nordestina e brasileira, minhas mãos levantaram esse país dependente, sou caboclo, candango, negro e índio, tenho mais calos e histórias do que uma vida poderia medir. Fui sim açoitado, ferido, e explorado, assim como todos aqueles que produzem tanto e nada tem. Não gostaria de precisar morrer mais vez para chegar à essa conclusão, roubaram minha vida pouco a pouco, fingiram me dar segurança e conforto, “sou um sujeito hoje, esse contrato me faz ser uma parte igual”. Só se for ser igual aos bilhões, porque jamais serei igual às dezenas, e nem o quero. Eita! morte que me incomoda, achava que teria algum descanso, mas pelo visto nem na minha própria morte, só faço pensar nos meus. Não vou chorar dessa vez, essa morte é diferente da ultima. Na minha primeira morte não senti dor, senti apenas uma agonia intensa que me fazia



chorar que nem criança, só me lembrava daquela história do pai que matou os filhos para que eles não passassem mais fome. O engraçado é que o que eu planto e corto deve dar pra pelo menos 40 pessoas, imagina se juntar tudo isso aqui, deve dar comida pra pelo menos uma vida inteira. O patrão deve ficar bem feliz. Acordei da minha primeira morte sem sentir dor, só uma exaustão do tamanho de um mundo, nem o café com macaxeira me animou. Falaram que eu tinha trabalhado demais, só fiz gargalhar, pagam quase nada pra que a gente trabalhe até não aguentar mais, e vêm dizer que eu trabalho demais, trabalho o que posso e o que os meus precisam. Ouvi na cama do posto de saúde a história de um cara que gastava quase o salário todo com cachaça e os dele passavam fome. Nunca gostei de culpar ninguém, cada um tem mais azar do que culpa na vida, queria ver se tivesse família ou uma doutora pra conversar com ele, provavelmente é mais um dos meus, daqueles que a terra criou e que o álcool só deixa tonto porque precisa. Cada um que trace seus caminhos e que pague suas contas com seu Deus. O meu na certa me ajudou quando eu morri pela primeira vez, achei até que ele tinha falado comigo, na verdade era só o rádio tocando. Esse meu trabalho nunca me deu dignidade, isso só se fala por falar, pra que a gente ache que tá cumprindo nosso papel no mundo. Eu sempre soube que a miséria era



necessária pras essas dezenas, mas não tinha pensado que ela era tão lucrativa. Talvez tenha sido até bom morrer essa segunda vez, meus olhos pretos se abriram mais dessa vez, só que doeu demais. Qual o nome dessa doença? É o mesmo daquele que pula feito uma rã. Canguru! Pronto, foi essa minha segunda morte, mas se as minhas próximas forem iguais a essa eu não quero mais morrer desse jeito, é melhor ficar aqui no chão de uma vez pra ver se essa morte me leva de verdade dessa vez. Dor. Uma dor que sobe pelas canelas e vai te esmagando até não conseguir mais respirar, senti até meu cabelo doer. Acho engraçado que dizem que temos escolhas, que trabalhamos nesse lugar miserável porque queremos, só fala isso quem nunca se esforçou em nada na vida, a dor sentida na pele é diferente da sentida no outro, é dor de verdade, que rasga cada pedaço de homem e de ternura, nenhum homem quer essa dor, nenhum homem quer essa desgraça. Talvez até queiram, mas não pra eles mesmos. De vez em quando acontece o “canguru” por aqui, cai um no chão se debatendo, fica um alvoroço danado, acho que isso pode até matar, não igual a minha morte, uma morte de verdade mesmo. Tem uns que até voltam pro trabalho no mesmo dia depois disso. Eu não consegui, voltei pra casa, tenho os meus pra cuidar. O meu mais novo já se foi, falava que queria ser doutor de bicho, tinha um negócio de sopro no coração. Sopro. Engraçado esse nome, queria assoprar mais uma vez seu olho que nem fazia toda noite antes de ir dormir. Quem sabe na minha próxima morte

